



# TIMOLÉON JAUBERT

## A BIOGRAFIA DE UM ESPÍRITA

OS GIGANTES DO ESPIRITISMO



2016

Data da publicação: 10 de janeiro de 2016

CAPA: Irmãos W.

REVISÃO: Jorge Hessen

TRADUTORA: Fabiana Rangel

PUBLICAÇÃO: [www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)

São Paulo/Capital

Brasil

## **Dedicatórias**

Conhecem-se os verdadeiras espíritas pelas suas obras ao próximo e Fabiana Rangel demonstra pela grandeza e cultura da sua alma na tradução de obras espíritas clássicas que serve como alimento aos espíritas desconhecedores da imortalidade da alma.

(Irmãos W.)

## Tiptologia alfabética



(Tiptologia [do grego tuptó + logos + -ia] - Linguagem por pancadas provocada pelos espíritos. Há a tiptologia alfabética. A Terminologia também é empregada para mencionar o estudo dos raps (plural da palavra inglesa rap /pancada). É a forma de comunicação obtida pela sucessão de pancadas e ou batidas curtas em material rígido, mormente madeira, produzindo ruídos provocados pelos Espíritos com a intenção de expressarem os seus pensamentos.)

## **Índice**

Prefácio / **07**

Sematologia e Tiptologia / **10**

Biografia de Timoléon Jaubert / **16**

Poemas recebidos mediunicamente por Timoléon Jaubert / **26**

## Prefácio

A Doutrina Espírita, como princípio de uma Nova Ordem mundial, no campo dos projetos espirituais, é inexpugnável em qualquer quadrante do Orbe. Porém, lamentavelmente, o movimento Espírita é muito fracionado. Cada qual quer fazer um "espiritismo particular".

Muitas lideranças doutrinárias complicam conteúdos que deveriam ser simples. Coincidentemente, o Cristianismo, durante os três primeiros séculos, era, absurdamente, diferente do Cristianismo oficializado pelo Estado Romano, no Século V. O brilho translúcido, nascido na Galiléia, aos poucos, foi esmaecendo, até culminar nas densas brumas medievais. O que observamos, no movimento Espírita atual, é a reedição da desfiguração do projeto inicial, de 1857. Os comprometidos com o princípio unificacionista brasileiro precisam manter cautela para não perderem o foco do Projeto Espírita Codificado por Allan Kardec, engendrando motivos à separatividade entre os adeptos da doutrina. Recordemos que a alma do Cristianismo puro estava estuante nas cidades de Nazaré, Jericó, Cafarnaum, Betsaida, dentre outras, e era diferente daquele Cristianismo das querelas e intrigas de Jerusalém.

O Espiritismo está sendo invadido pelo joio, extremamente prejudicial à realidade que a doutrina encerra, uma vez que vários pretensos seguidores/dirigentes introduzem perigosos modismos à prática Espírita, com inócuas terapias desobsessivas e, como se não bastasse, por mera vaidade, ostentam a insana idéia de superioridade sobre Kardec, alegando que o Codificar está ultrapassado. Será crível que Kardec imaginou esse tipo de movimento Espírita? Ah! Que falta nos fazem os baluartes da simplicidade kardeciana, Bezerra, Eurípedes, Zilda Gama, Frederico Junior, Sayão, Bitencourt Sampaio, Guillon Ribeiro, Manoel Quintão!

Estamos convencidos de que o Espiritismo sonhado por Kardec era o mesmo Espiritismo que Chico Xavier exemplificou por mais de setenta anos, ou seja, o Espiritismo do Centro Espírita simples, muitas vezes iluminado à luz de lampião; da visita aos necessitados, da distribuição do pão, da "sopa

fraterna”, da água fluidificada, do Evangelho no Lar. Sim! O grande desafio da Terceira Revelação deve ser o crescimento, sem perder a simplicidade que a caracteriza como revelação.

O evangelho é a frondosa árvore fornecedora dos frutos do amor. Urge entronizar a força da mensagem de Jesus, sem receio dos “kardequiólogos de plantão”, os chamados “intelectuais” de nossas fileiras, sem medo das críticas dos espíritas de “gabinete”, dos patrulheiros ideológicos que pretendem assumir ou assenhorear as rédeas do movimento Espírita na Pátria do Cruzeiro do Sul. O movimento Espírita não deveria se organizar à maneira dos movimentos sociais de hoje, sob pena de incentivar hierarquização com recaídas na pretensão vaticanista de infalibilidade. O que os Espíritas precisam é atentar, com mais critério, para os fundamentos doutrinários que nos impele à íntima reforma moral. Nessa tarefa, individual, intransferível e impostergável, está a nossa melhor e obrigatória colaboração para com o avanço moral do Planeta em que vivemos, pois, moralizando-se cada unidade, moraliza-se o conjunto.

Um grande exemplo de espírita anti-burocrático foi Chico Xavier, considerado ultrapassado por muitos pretensos cientificistas ressurgidos das cinzas, do Século XIX, que tiveram, em Torterolli, a enfadonha liderança. Atualmente, jactam-se quais pretensos inovadores, porém, não conseguem acrescentar, sequer, uma palavra nova à Codificação. É urgente, pois, que preservemos o Espiritismo tal qual nos entregaram os Mensageiros do amor, bebendo-lhe a água pura, sem macular-lhe a cristalina fonte. A maior frustração do “Convertido de Damasco” se deu, exatamente, no Aerópago de Atenas, quando os intelectóides, de então, o dispensaram, alegando que haveriam de ouvi-lo em outra oportunidade.

O Espiritismo desejável é aquele das origens, o que nos faz lembrar Jesus, ou seja, o Espiritismo Consolador prometido, o Espiritismo em sua feição pura e simples, o Espiritismo do povo (que hoje não pode pagar taxas e ingressar nos pomposos Congressos que só aguça vaidades), o Espiritismo dos velhos, o Espiritismo das crianças, o Espiritismo da natureza, o Espiritismo “céu aberto”. Que tal?



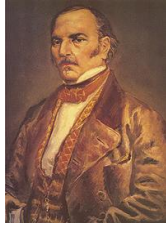
A rigor, a Doutrina Espírita é o convite à liberdade de pensamento, tem movimento próprio, por isso, urge deixar fluir naturalmente, seguindo-lhe a direção que repousa, invariavelmente, nas mãos do Cristo. Chico Xavier já advertia, em 1977, que “É preciso fugir da tendência à ‘elitização’ no seio do movimento espírita (...) o Espiritismo veio para o povo. É indispensável que o estudemos junto com as massas mais humildes, social e intelectualmente falando, e deles nos aproximarmos (...). Se não nos precavermos, daqui a pouco, estaremos em nossas Casas Espíritas, apenas, falando e explicando o Evangelho de Cristo às pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais (...)” (1)

(1) Entrevista concedida ao Dr. Jarbas Leone Varanda e publicada no jornal uberabense O Triângulo Espírita, de 20 de março de 1977, e publicada no Livro intitulado Encontro no Tempo, org. Hércio M.C. Arantes, Editora IDE/SP/1979.

Louvemos os congressos, simpósios, seminários, encontros necessários à divulgação e à troca de experiências, mas nunca nos esqueçamos de que a Doutrina Espírita não se tranca nos salões luxuosos, não se enclausura nos anfiteatros acadêmicos e nem se escraviza a grupos fechados. À semelhança do Cristianismo dos tempos apostólicos, o Espiritismo é dos Centros Espíritas simples, localizados nos morros, nas favelas, nos subúrbios e não nos venham com a retórica vazia de que estamos propondo o “elitismo às avessas”!

Graças a Deus (!), há muitos Centros Espíritas bem dirigidos em vários municípios do País. Graças a esses Espíritas e médiuns humildes, o Espiritismo haverá de se manter simples e coerente, no Brasil e, quiçá, no Mundo, conforme os Benfeitores do Senhor o entregaram a Allan Kardec.

Jorge Hessen  
<http://jorgehessen.net>  
[jorgehessen@gmail.com](mailto:jorgehessen@gmail.com)



## **Sematologia e Tiptologia**

### Linguagem dos Sinais e das Pancadas

#### Tiptologia Alfabética

139. As primeiras manifestações inteligentes foram obtidas por meio de pancadas ou tiptologia. Esse meio primitivo, que se ressentia das condições iniciais da arte, só oferecia recursos muito limitados. As comunicações por esse meio reduziam-se às respostas monossilábicas por sim ou por não; através de um número convencional de golpes. Mais tarde, como dissemos, foi aperfeiçoado. Os golpes são produzidos de duas maneiras, por médiuns especiais. É necessário, geralmente, para essa forma de operar, certa aptidão para as manifestações físicas.

A primeira, que se poderia chamar tiptologia basculante, consiste no movimento do mêm que se eleva de um lado e cai batendo um pé. Basta, para isso, que o médium pouse as mãos na borda da mesa. Se ele quiser conversar com determinado Espírito, é necessário fazer a evocação. Caso contrário, manifesta-se o que chegar primeiro ou o que estiver habituado a fazê-lo. Convencionando-se, por exemplo, um golpe para o sim e dois para o não, o que é indiferente, dirigem-se as perguntas ao Espírito. Veremos depois quais as que devem ser evitadas. O inconveniente está na brevidade das respostas e na dificuldade de formular a pergunta de maneira a permitir a resposta de sim ou não. Suponhamos que se pergunte ao Espírito: Que desejas? Ele só poderia responder com uma frase. Temos então de perguntar. Desejas isto? – Não. – Aquilo? – Sim. E assim por diante.

140. É curioso que ao se empregar esse meio o Espírito

costuma acrescentar-lhe uma espécie de mímica, exprimindo a energia da afirmação ou da negação pela força dos golpes. Exprime ainda a natureza dos seus sentimentos: a violência, por movimentos bruscos; a cólera e a impaciência, dando fortes pancadas repetidas, como alguém que batesse os pés com raiva, às vezes jogando a mesa no chão. Se for um Espírito bondoso e delicado, no começo e no fim da sessão inclina a mesa em forma de saudação. Se quiser dirigir-se diretamente a uma das pessoas presentes, leva a mesa até ela com suavidade ou violência, conforme queira lhe testemunhar afeição ou antipatia. É essa, propriamente falando, a sematologia ou linguagem dos sinais, como a tiptologia é a linguagem das pancadas.

Eis um notável exemplo do emprego espontâneo da sematologia:

Um senhor nosso conhecido estava um dia na sua sala de visitas, onde muitas pessoas se ocupavam de manifestações, quando recebeu uma carta nossa. Enquanto a lia, a mesinha de sala, de três pés, que servia para as experiências (1) dirigiu-se subitamente para ele. Finda a leitura da carta ele a foi colocar numa mesa da outra extremidade da sala. A mesinha o seguiu e se dirigiu para a mesa em que a carta fora depositada. Surpreso com a coincidência, ele pensou em alguma relação entre esse movimento e a carta. Interrogou o Espírito, que respondeu dizendo ser um nosso Espírito familiar. Tendo o senhor nos informado do que se passara, interpelamos o Espírito sobre o motivo da visita que lhe fizera. Respondeu: "É natural que eu visite as pessoas com as quais estás em relação, para poder, quando for o caso, dar a ti e a elas os avisos necessários".

141. A tiptologia não demorou a se aperfeiçoar e se enriquecer com uma forma de comunicação mais completa, a da tiptologia alfabética, que consiste em fazer indicar as letras por meio de pancadas. Foi então possível obter palavras, frases e mesmo discursos inteiros. Segundo o método adotado, a mesa bate as pancadas correspondentes a cada letra, ou seja: uma pancada para a, duas para b e assim por diante, enquanto alguém vai registrando as letras indicadas. Chegando ao fim, o

Espírito adverte por meio de sinal convencionado.

Esse procedimento, como se vê, é muito demorado e demanda longo tempo para as comunicações de maior extensão. Não obstante, houve quem tivesse paciência de usá-lo para obter ditados de numerosas páginas. Mas a prática levou à descoberta de meios mais rápidos. O mais em uso consiste no emprego de alfabeto e uma série de números, que uma pessoa percorre apontando enquanto o médium movimenta a mesa. Esta indica por uma pancada a letra ou o número necessário, que são anotados. Se houver engano, o Espírito adverte por vários golpes ou movimentos da mesa e então se recomeça. Com o hábito, faz-se isso com rapidez. Mas consegue-se abreviar mais adivinhando a palavra iniciada, o que o sentido da frase auxilia. Em caso de dúvida consulta-se o Espírito, que responde por sim ou não.

142. Todos esses efeitos podem ser obtidos de maneira ainda mais simples pelos golpes dados no interior da madeira da mesa, sem qualquer movimento exterior, conforme relatamos no capítulo sobre manifestações físicas, nº 64: é a tiptologia interna (2) Nem todos os médiuns são igualmente aptos para essa última forma de comunicação, havendo os que só obtêm as pancadas da mesa basculante. Entretanto, com o exercício, a maioria pode consegui-lo. Essa forma tem a dupla vantagem de ser mais rápida e prestar-se menos à suspeição do que a basculante, que se pode atribuir a pressões voluntárias. É verdade que os golpes internos poderiam também ser limitados por médiuns de má fé. As melhores coisas estão sujeitas à imitação. O que nada prova contra elas. (Ver no fim do volume, o capítulo intitulado: Fraudes e Superstições).

Quaisquer que sejam os aperfeiçoamentos que se possam introduzir nesse sistema, ele jamais pode atingir a rapidez e a facilidade da escrita, pelo que é hoje pouco usado. Não obstante, às vezes interessa quanto ao aspecto fenomênico, principalmente para os novatos e tem sobretudo a vantagem de provar, de maneira peremptória, a absoluta independência do pensamento do médium. Frequentemente se obtêm, com ele, respostas tão imprevistas, tão surpreendentemente certas, que

seria preciso muita prevenção para se recusar à evidência. Assim ele oferece, para muitas pessoas, poderoso motivo de convicção. Mas por esse meio, ainda mais que pelos outros, os Espíritos não gostam de submeter-se ao capricho de curiosos que desejam pô-los à prova com perguntas fora de propósito.

143. Com o fim de melhor assegurar a independência do pensamento do médium, imaginaram-se diversos instrumentos como quadrantes com letras, à maneira dos usados nos telégrafos elétricos. Uma agulha móvel que se movimenta sob a influência do médium, com a ajuda de um fio condutor e uma polia; indica as letras.

Só conhecemos esses instrumentos por desenhos e descrições publicados na América. Não podemos, pois, dizer do seu valor. Mas nos parece que a sua própria complicação é um inconveniente.

Achamos que a independência do médium é perfeitamente provada pelos golpes internos e mais ainda pelo imprevisto das respostas do que todos os meios materiais. Por outro lado, os incrédulos que estão sempre dispostos a ver por toda parte cordéis e arranjos, desconfiarão muito mais de um mecanismo especial do que de uma mesinha desprovida de qualquer acessório.

144. Um aparelho mais simples, mas do qual a má fé pode facilmente abusar, como se verá no capítulo referente às fraudes, é o que designaremos pelo nome de Mesa-Girardin, em lembrança do uso que dele fazia madame Emílio de Girardin, nas numerosas comunicações que obtinha como médium. Porque madame de Girardin, embora fosse mulher de espírito, tinha a fraqueza de acreditar nos Espíritos e nas suas manifestações.

O instrumento consiste numa tábua redonda de mesinha de salão, de quarenta centímetros de diâmetro, girando livre e facilmente em torno de um eixo, à maneira da roleta. Na superfície e em circunferência ao gravados as letras, os números e as palavras sim e não. No centro há uma agulha fixa. O médium põe o dedo na borda da tábua redonda, que gira e pára a letra desejada sob a agulha. As letras são anotadas, formando palavras e frases rapidamente.

Deve-se notar que a tábua redonda não desliza sob os dedos pois estes se afirmam na borda da tábua e acompanham o seu movimento. É possível que um médium poderoso consiga produzir o movimento independente, mas nunca o presenciamos. Se a experiência pudesse ser feita dessa maneira seria infinitamente mais concludente, porque afastaria toda possibilidade de embuste.

145. Resta-nos desfazer um erro muito divulgado, que consiste em confundir todos os Espíritos que se comunicam por pancadas com os Espíritos batedores. A tiptologia é um meio de comunicação como qualquer outro, não sendo mais indigno dos Espíritos elevados que a escrita e a palavra. Todos os Espíritos, bons ou maus, podem servir-se dele como dos demais. O que caracteriza os Espíritos superiores é a elevação do pensamento e não o instrumento de que se servem para transmiti-lo. Sem dúvida eles preferem os meios mais cômodos e rápidos, mas, na falta de lápis e papel não terão escrúpulos em servir-se da vulgar mesa-falante. A prova é que se obtêm por esse meio as comunicações mais sublimes. Se não nos servimos dele não é por desprezá-lo, mas somente porque, como fenômeno, já nos ensinou tudo quanto poderíamos saber, nada mais podendo acrescentar às nossas convicções, sendo ainda que a extensão das comunicações que recebemos exige uma rapidez que a tiptologia não oferece.

Todos os Espíritos que se comunicam por pancadas não são pois, Espíritos batedores. Essa designação deve ser reservada para os que se pode chamar de batedores profissionais e que por esse meio se divertem a atormentar uma família ou contrariá-la com suas importunações. De sua parte podemos esperar às vezes ditos espirituosos,mas nunca frases profundas. Seria, pois, perder tempo dirigir-lhes questões de certo interesse científico ou filosófico. Sua ignorância e sua inferioridade lhe valeram, justamente, de parte dos demais Espíritos, a qualificação de Espíritos pelotiqueiros ou saltimbancos do mundo espírita. Acrescentemos, porém, que eles não agem sempre por sua própria conta,sendo também, freqüentemente, instrumentos de que se servem os Espíritos superiores quando querem produzir efeitos materiais.(3)

---

(1) Trata-se da mesinha de salão *guéridon*, redonda, com um eixo central como pé, de cuja extremidade inferior saem três recurvos. Muito usada nos salões parisiense da época para o passatempo das mesas girantes. (N. do T.)

(2) Em francês: *tiptologie intime*. Trata-se do mesmo fenômeno dos *raps ingleses*. O zelo de Kardec leva-o a indicar as possibilidades de fraude nesse fenômeno, que realmente existem, mas que numa sessão bem organizada não poderiam ocorrer. Aliás, as imitações sempre fracassam em trabalhos sérios. (N. do T.)

(3) Muitos outros meios de comunicação foram inventados na Europa e na América, o que atesta a naturalidade e constância relações entre os Espíritos e os Homens. Aparelhos complicados foram e continuam a serem inventados. Alguns cientistas e curiosos procuraram descobrir meios mecânicos, elétricos, eletrônicos e outros de comunicação direta com os Espíritos. Mas, como Kardec acentua no capítulo acima, essas complicações têm utilidade relativa e aumentam a desconfiança dos céticos. Dispensar a mediunidade, excluir o intermediário humano é outra preocupação de pessoas interessadas no aspecto puramente científico do Espiritismo. Mas as comunicações dependem, como a doutrina esclarece, da inter-relação, de Espírito a Espírito, através dos elementos constitutivos do perispírito. As máquinas só podem servir como instrumentos acionados por médiuns. E a independência do Espírito comunicante se prova melhor através dos meios naturais de comunicação, como acentua Kardec no item 143. É o aperfeiçoamento do homem, como médium, e não aprimoramento dos processos ou a invenção de máquinas para comunicação, o que tornará cada vez mais evidente a existência e comunicabilidade dos Espíritos. (N. do T. )

Fontes: O Livro dos Médiuns por ALLAN KARDEC – Capítulo 11  
Tradução de José Herculano Pires



## Biografia de Timoléon Jaubert

As primeiras manifestações inteligentes foram obtidas a partir de batidas. Os Espíritos se serviram delas por meio de médiuns de efeitos físicos, que são mais aptos a produzir esses fenômenos materiais. Timoléon Jaubert fez parte do grupo desses médiuns.

Percurso desse homem incomum...

Sua função de vice-presidente do tribunal civil de Carcassonne e seu grau de Cavaleiro da Legião de Honra não o impediram de tomar um bom assento entre os pioneiros do Espiritismo. Contemporâneo de Allan Kardec, de quem ele não tem mais que dois anos de diferença, Jaubert tornou-se presidente honorário da Sociedade Espírita de Bordeaux, onde se distingue pelas faculdades mediúnicas grandiosas e por sua dedicação moral e física à Doutrina Espírita, nos seus primórdios.



Poesias ditadas por um Espírito

"Mr. Jaubert era daqueles homens inspiradores, um legítimo espírita, carregado de simplicidade, modéstia, bondade, dignidade e abnegação; pacato e ajuizado; sem orgulho e entusiasta, predicados essenciais para o apostolado doutrinário abraçado. Esses fatos ligam o seu nome às corajosas profissões de fé que fortalecem os fracos e oferece audácia aos tímidos. "Esta caracterização, obtida a partir de uma carta reproduzida na íntegra na Revista Espírita, em junho de 1863, ilustra o artigo intitulado "Um Espírito, coroado com jogos florais" onde consta que a Academia de Jogos Florais de Toulouse tinha



emitido o seu juízo sobre o mérito de poesias recebidas no concurso de 1863. Sessenta e oito concorrentes se apresentaram para fábula; duas fábulas foram notadas: uma recebeu o primeiro prêmio (a Primavera); o outro foi mencionado com louvor no relatório. Agora, estas duas poesias, disse Jaubert, pertencem a seu espírito familiar. O surpreendente é que os poemas foram obtidos não psicograficamente, porém tipologicamente, isto é, por meio de batidas, muito mais em voga naquela época.

Sobre o evento Allan Kardec comenta na Revista Espírita de junho de 1863: "Algumas pessoas podem se surpreender pelo Sr. Jaubert não ter constrangido os adversários do Espiritismo proclamando, ali, diante da multidão reunida, a verdadeira origem das fábulas premiadas.

Se ele não fez isso, foi por uma razão muito simples: o Sr. Jaubert é um homem modesto, que não busca confusão, e que, acima de tudo, tem boas maneiras. Agora, entre os juízes, havia provavelmente quem não compartilhasse de suas opiniões a respeito dos espíritos. Isso lhe teria sido, portanto, publicamente dito, como uma espécie de desafio, uma negação, procedimento indigno de um cavalheiro.

Dizemos mais: de um verdadeiro espírita que respeita todas as opiniões, mesmo aquelas que não são as suas. O que teria produzido esse estardalhaço? Protestos de alguns expectadores, o escândalo, talvez.

O Espiritismo ganhou? Não, ele teria comprometido sua dignidade. Mr. Jaubert, e os muitos espíritos que assistiram à cerimônia, deram prova de uma grande sabedoria, abstendo-se de qualquer manifestação pública. Era um sinal de deferência e respeito seja à academia ou à assembleia. Eles provaram, mais uma vez, nesta ocasião, que os espíritos sabem manter a calma no sucesso como sabem mantê-la diante dos insultos de seus oponentes, e que não é com eles que devemos esperar a excitação e a desordem.

O fato não perde em nada a sua importância, pois em pouco tempo ele vai ser conhecido e aclamado em uma centena de países diferentes."

Ainda na R.E de junho de 1863 Kardec narra em

"Considerações sobre o Espírito Batedor de Carcassonne. Aí se permite que o Sr. Sabô, presidente do grupo espírita de Bordeaux, relate uma experiência com o Espírito de Jaubert, onde as comunicações obtidas superam claramente o conhecimento pessoal do médium.

Allan Kardec conclui o artigo dizendo: "Vamos fazer sobre esse capítulo uma última observação quanto à qualificação de batedor, que consideramos errônea, dada ao Espírito que se comunica com o Sr. Jaubert. Esta qualificação convém apenas, como já dissemos em outro ponto, aos espíritos que podemos dizer batedores de profissão, e que ainda pertencem, pela pouca elevação de suas ideias e de seus conhecimentos, às categorias inferiores. Esse não seria o caso deste espírito, que demonstra a superioridade das suas qualidades morais e intelectuais.

A tiptologia não é um divertimento para ele; é um meio de transmissão de pensamento do qual ele se serve por não ter encontrado em seu médium a faculdade necessária para fazê-lo de outro modo. Sua finalidade é séria, enquanto que a dos ditos Espíritos batedores é quase sempre inútil, mesmo que seja mal intencionada. Podendo a qualificação de Espírito batedor ser tomada erroneamente, nós preferimos a de Espírito tiptor, termo que se refere à linguagem da tiptologia."

A Sociedade Espírita de Paris, em seguida, concede o título de membro honorário a Jaubert, cuja carta de agradecimento, publicada na Revista Espírita de agosto 1863, atesta a sua adesão ao Espiritismo: "Eu acredito na imortalidade da alma, na comunicação dos mortos com os vivos, como creio no sol. Eu gosto do Espiritismo como a afirmação mais legítima da lei de Deus: a lei do progresso. Eu a confesso abertamente, porque confessá-la é o certo. Eu aceitei a Primavera da Academia de Toulouse como uma resposta vívida para aqueles que não querem ver nos textos reais ditados pelos espíritos nada além de percepções equivocadas ou elucubrações ridículas.

Eu recebo o título de membro honorário da Sociedade, da qual você é o líder, como o mais honroso entre os que eu obtive das mãos dos homens. Mais uma vez, recebam os senhores e todos os membros da sociedade parisiense meus

mais sinceros agradecimentos. Seu relato da reunião dos Jogos Florais interpretou fielmente os meus sentimentos e minha conduta. Eu não poderia, declarando que a história coroada era trabalho do meu espírito familiar, expor-me a ofender o público e os juízes.

Você exprimiu perfeitamente, em sua Revista, o respeito que tenho por mim mesmo e pelas opiniões alheias. E agora, se em tudo isso eu ainda não tomei a iniciativa, se não fiz mais que responder-lhe, é porque seria preciso falar de mim, e associar meu nome a um evento do qual sem dúvida estou feliz, mas que outros se negaram a considerar bem-sucedido".

Assim que anunciado por Allan Kardec, Jaubert e Espírito tiptor passam a ter sucesso.

Lemos na Revista Espírita, de novembro 1863, sob o título Novo sucesso do Espírito de Carcassonne: "O Espírito tiptor de Carcassonne mantém sua reputação, e prova, pelo sucesso que alcançou em várias competições onde ele é candidato, o mérito incontestável de suas excelentes fábulas e poesias. Depois de ganhar o primeiro prêmio, o Eglantina de Ouro, na Academia dos Jogos Florais de Toulouse, ele vai obter uma medalha de bronze no concurso de Nîmes.

O Correio de Aude disse: "Este prêmio é particularmente lisonjeiro, pois o concurso não foi restrito apenas a fábulas e poemas, mas contemplava todas as obras literárias." Esse novo triunfo certamente é um presságio de outros para o futuro, pois é provável que este Espírito não pare por aí. Decididamente, ele se tornou um concorrente formidável. Que dirão os incrédulos? O que eles já disseram na ocasião do sucesso de Toulouse: Mr. Jaubert é um poeta que tem a fantasia de se esconder sob o manto de um Espírito.

Mas aqueles que conhecem o Sr. Jaubert sabem que ele não é um poeta e, além disso, ainda que ele o fosse, o modo de obtenção, pela tiptologia, na presença de testemunhas, leva embora todas as dúvidas, a menos que se suponha que ele está escondido, não embaixo da mesa, mas na mesa."

A fim de avaliar a qualidade de seus poemas encantadores, você os pode ler em nossa revista número 39, que ganhou o primeiro prêmio nos Jogos Florais de Toulouse, sob o título "O

leão e o corvo". As almas poetas, que querem um pouco mais, poderão ir ao volume intitulado Fábulas e Poesias Diversas pelo Espírito batedor de Carcassonne, onde estão reunidas.



### Efeitos físicos impressionantes

As capacidades do médium tipólogo Jaubert não o impedem de ser um médium desenhista de qualidade, produzindo mediunicamente quadros dignos de um pintor de renome. Mas ele foi também, o que é raro nos nossos dias, um excelente médium de efeitos físicos.

Por falta de espaço, relataremos apenas duas anedotas sobre isso.

A primeira se deve a seu amigo J. Chapelot que, em seu Dicionário Humorístico, conta: "Cinco amigos jantam juntos em um hotel de Toulouse. Um dos cinco é médium. Na sobremesa, o Espírito que se comunica comumente com esse médium anuncia espontaneamente, por meio de batidas na mesa, que um bolo que lhes é destinado está em uma bandeja de prata no escritório do hotel. O médium pediu ao garçom que trouxesse o bolo.

O garçom vai até o escritório, vê, de fato, a bandeja de prata, mas não nota nada dentro dela. Mesmo assim, ele leva a bandeja e diz, rindo, que a única coisa que brilha do bolo ali é a sua ausência. E os cinco amigos começam a rir também. O médium se contenta a dizer: - O que vocês querem, meus amigos, nós fomos tapeados. Mas isso me surpreende muito, pois é a primeira vez que esse Espírito me engana. Isso é tão surpreendente que foi ele que acabou de ser coroado hoje pela Academia de Jogos Florais. No mesmo instante, vimos aparecer gradualmente o bolo que acabou por preencher exatamente o prato".

A segunda anedota é contada por Gabriel Delanne que testemunhou surpreso uma chuva de doces, como escreveu a Kardec, em uma carta publicada na Revista Espírita de maio

1865, de onde extraímos esta passagem: "... Poucos dias depois, eu assistia em Carcassonne a emoções de um tipo diferente. Eu visitei o presidente Jaubert: temos muitos aportes há algum tempo, ele me disse. Vou levá-lo até a senhora que é o objeto dessas manifestações.

Por azar, esta senhora estava indisposta; seu estômago estava inchado a ponto de não ser capaz de abotoar seu vestido. Seus guias consultados, a sessão foi adiada para a próxima noite às oito horas. M. C..., capitão aposentado, colocou sua sala de estar a nossa disposição. É uma grande sala vazia, havia somente o tapete por toda a sala; apenas ornamento sobre a lareira, uma cômoda e cadeiras; não há quadros ou cortinas ou panos: um verdadeiro apartamento masculino. Estávamos num total de nove pessoas, todos adeptos convictos.

Tão logo entramos, eis que uma chuva de doces caiu ruidosamente em um canto da sala! Dizer qual foi minha emoção seria difícil, porque aqui a reputação honorável dos assistentes, este quarto nu e escolhido, ao que parece, de propósito pelos espíritos para remover quaisquer dúvidas, nada poderia fazer suspeitar de uma manobra fraudulenta e, apesar de este prodígio, eu não parei de olhar, de examinar estas paredes, e de perguntar-lhes se eles não seriam cúmplices de um arranjo qualquer.

A médium doente toma o lápis e escreve: "Diga a Delanne para colocar a mão na boca do estômago e o inchaço desaparecerá. Ore antes". Todos oramos. Eu estava no fundo da sala, quando, em meio a concentração geral, uma nova chuva de bombons ocorre no canto oposto àquele em que ela veio pela primeira vez. Imagine nossa alegria. Eu me aproximo da doente; o inchaço era muito mais forte do que no dia anterior. Eu coloco minha mão, e inchaço desaparece como mágica.

- Estou curada, disse ela. Seu vestido, antes muito justo, torna-se muito grande. Todos constataram o fato. Unimo-nos com o pensamento de agradecer aos bons espíritos tanta bondade. Em seguida, aconteceu uma terceira chuva de doces. Jamais esquecerei esses fatos em toda minha vida. Estes

senhores ficaram encantados, mais por mim do que por eles, porque estão acostumado a esses tipos de eventos.

Cada um deles tem algum objeto trazido pelos espíritos. Mr. Jaubert me disse que várias vezes ele viu a sua mesa se revirar e se levantar sozinha, sem a ajuda das mãos; seu chapéu ser levado do canto de um cômodo a outro. Um fato semelhante de cura também aconteceu há alguns meses sob a mão do Sr. Jaubert ".



Um notável que tem a coragem de suas opiniões

Jaubert era então, como vimos, um médium de grande qualidade. Ora, não ignoramos de que as boas habilidades mediúnicas são, em geral, acompanhadas por uma moralidade excelente e um grande investimento. Jaubert não é exceção a esta regra. Na verdade, ele não hesita em desbotar sua reputação de magistrado para limpar as provocações de seus contemporâneos proporcionando um testemunho determinante no julgamento Hillaire.

A Revista Espírita, de março 1865, dedica um artigo sobre isso, em que lemos: "Nesta carta, o Sr. Jaubert percebe que ele e seus amigos, ocupando-se de manifestações físicas, viram e viram bem, sob a luz de lâmpadas tão bem como na luz do dia, fatos semelhantes aos obtidos por Hillaire, o qual ele relata nos menores detalhes.

Esta leitura, seguida daquela, em um tom solene, da profissão de fé do mesmo Sr. Jaubert, um magistrado, vice-presidente em funções de um tribunal civil, chefe de departamento, essa leitura emocionou todo o auditório. (O Diário de Saint Jean d'Angely, de 12 de fevereiro, dá uma análise desse argumento notável. Veja também a Revista de l'Ouest, de Niort, 18 de fevereiro)".

No "Os pioneiros do Espiritismo na França", de Malgras, encontramos outra carta de Jaubert, servindo como testemunha no relatório dito "espíritas", datado de 7 de junho

de 1875, 10 anos após o caso Hillaire: "Eu sou espírita e, como sempre, declaro que os mortos entram em comunicação direta com os vivos. Digo isso porque sei. Eu sei porque estudei durante vinte anos esse fenômeno. Eu o estudei, não no livro dos outros, mas no meu livro: o livro de fatos.

Os fatos são essenciais para a ciência verdadeira. E esses fatos, há vinte anos, seja sozinho, seja com os outros, eu os tenho observado cuidadosamente, sem tomar partido, e sempre sob o controle de uma razão fria e sábia. Então, eu tenho certeza, mil vezes tenho certeza do que eu digo. Esses fenômenos são tão improváveis? (...) Mas eu creio que os mortos se comunicam com os homens - mas sem milagre, mas sem privilégio, pois Deus é justo - e em virtude de uma lei tão antiga quanto o mundo. (...) Até a data de hoje o Espiritismo tem sido caluniado. Não se refuta. Eu espero um livro digno e sério que o refute. Não ... o Espiritismo não vai passar. Deus não quer isso. Ele prova ... Ele moraliza... Ele consola ... Ela eleva a alma".



### Magistratura e Espiritismo

A elevada posição social de Jaubert jamais o impediu de proclamar em voz alta suas convicções, melhor, de escrevê-las, para defender aqueles que foram processados. Outros magistrados, então, puderam encontrar coragem para seguir o seu exemplo.

Este é particularmente o caso Bonnamy, juiz, cuja carta de reconhecimento ilustra o artigo "Magistratura e Espiritismo" na Revista Espírita de Março de 1866, onde em Kardec diz: "O Espiritismo se infiltra cada vez mais e mais nas idéias, e já toma lugar entre as crenças recebidas. Não está longe o tempo em que não será permitido a nenhum homem esclarecido ignorar o que é exatamente essa doutrina, como hoje não pode ignorar os primeiros elementos da ciência.

Ora, como toca a todas as questões científicas e morais,

compreenderemos melhor um monte de coisas que, de primeira vista, parecem estranhas. E assim, por exemplo, que a medicina descobrirá a verdadeira causa de certas afetações, que o artista possuirá vários objetos de inspiração, que será em muitas circunstâncias uma fonte de luz para o magistrado e para o advogado".

É nesse sentido que é apreciado o sr. Jaubert, o honorável vice-presidente do tribunal de Carcassonne. Nele, é mais do que um conhecimento acrescentado aos que ele possui, é uma questão de convicção, porque ele compreende sua aplicação moral. Mesmo que jamais tenha escondido sua opinião quanto ao assunto, convencido de ser verdadeiro, e da potência moralizante da doutrina, hoje que a fé se estende ao ceticismo, ele quis dar o apoio da autoridade de seu nome no momento em que ela era mais violentamente atacada, desafiada em zombarias, e mostrando a seus adversários o pouco caso que ele fazia de seus sarcasmos.

Em sua posição, e tendo em vista as circunstâncias, a carta que ele nos pediu para publicar, e que nós inserimos no número de janeiro último, é um ato de coragem que todos os espíritas sinceros guardarão preciosamente na memória. Ela ficará marcada na história do estabelecimento do Espiritismo".

Vamos deixar a palavra final a Allan Kardec, que em uma carta de 21 de Janeiro de 1865, graças aos espíritas dedicados ao caso Hillaire: "Eu venho, em meu nome pessoal e em nome da Sociedade Espírita de Paris, fazer uma justa homenagem a todos aqueles que, na triste circunstância em que todos nós temos sido atingidos, têm sustentado a sua fé e defendido a verdade com coragem, dignidade e firmeza. Um brilhante e solene testemunho solene foi dado pelos órgãos de justiça.

O de seus irmãos na crença não podia falhar. Eu pedi a mais exata e completa lista possível, a fim de inscrever seus nomes ao lado daqueles que são merecedores do Espiritismo. De modo algum será para levá-los a uma publicidade que abençoará sua modéstia e será, mais ainda, neste momento, mais prejudicial do que útil, mas nosso século está preocupado em fazer com que eles sejam esquecidos. É preciso que a memória dos verdadeiros votos, livres de qualquer segunda intenção, não



seja perdida por aqueles que virão depois de nós. Os arquivos do Espiritismo lhes contarão sobre aqueles que têm um direito legítimo a seu reconhecimento".

Tradutora: Fabiana Rangel

Fontes: Centre Spirite Lyonnais Allan Kardec - Bulletin 43



## **Poemas recebidos mediunicamente por Timoléon Jaubert**

Fábulas e Poesias Diversas

POR UM ESPÍRITO BATEDOR (8)

Embora a tiplogia seja um meio muito lento de comunicação, com paciência é possível obter trabalhos de fôlego. O Sr. Jaubert, de Carcassonne, houve por bem remeter-nos uma coleção de fábulas e de poesias obtidas por ele através daquele processo. Se nem todas são obras-primas, com o que o Sr. Jaubert não se sentiria ofendido, pois não lhe dá a menor importância, algumas são notáveis, abstração feita à fonte de onde procedem. Eis uma que, a despeito de não fazer parte da coleção, pode dar uma idéia do espírito daquele Espírito batedor. É dedicada à Sociedade Espírita de Bordeaux, pelo próprio Espírito.

(8) Um vol. in-18. - Preço: 2 fr. - Em Carcassonne, L. Labau; em Paris, Ledoyen, Palais-Royal.



## MONÓLOGO DE UM BURRO

### Fábula

Um burro, sim, – não confundir,  
Eu nunca digo mal de alguém de qualidade, –  
Um Asno bem peludo, um burro de verdade,  
Bem arreiado, é bom convir  
Ralhava na estação com uma locomotiva.  
O seu olhar brilhava a uma palavra viva.  
“És tu, gritava então, tu que estás em repouso!  
“Do carneiro vizinho ouvi atencioso,  
“Que andas tu sem cavalo, ou asno, sem manobra;  
“Que ruges a arrastar qual uma imensa cobra  
“Esses caixotes, como aldeia de madeira;  
“Um milagre que outrora eu crera, uma besteira!  
“Chegados finalmente os tempos são! sem troça!  
“Eu por trigo não tomo a alfafa de uma roça;  
“Sei o cardo deixar por feixe de capim.  
“Ninguém tão longe vai com os pés de ferro assim.  
“Eu tenho a minha regra; e na razão confio.  
“Sem cavalos marchar? Só tu? Eu desafio.”  
Um asno, vede vós, invocava a razão,  
Chama que, muita vez, ao néscio faz perder.  
Ah! quantos sábios que como um jerico são!  
Doutores, vós negais do Espírito o poder;  
Negai o movimento, a força do motor.  
Do nada o homem tirou a elétrica energia?  
Toda locomotiva exige, enfim, vapor;  
Aos mortos evocar... só à prece que irradia  
De um coração pleno de amor.



## O MÉDIUM E O DR. IMBRÓGLIO

Correi, correi, doutor Imbróglio  
A mesinha anda só: é patente, tangível  
– Que nada! vou provar num infólio  
Que a coisa não é possível.

Faremos uma observação sobre a qualificação dada ao Espírito que ditou as poesias acima citadas. Os Espíritos sérios rejeitam com razão o qualificativo de batedores: este título convém apenas àqueles que poderiam ser chamados de batedores profissionais, isto é, Espíritos levianos ou malévolos, que se servem de pancadas para se divertirem ou atormentarem; as coisas sérias não são da sua conta. Mas a tipitologia, como qualquer outro, é um meio para comunicações inteligentes, de que se podem servir os Espíritos mais adiantados, em falta de outro meio, embora prefiram a escrita, porque responde melhor à rapidez do pensamento. É certo dizer que, neste caso, não são eles próprios que batem; limitam-se a transmitir a idéia, deixando a execução material a Espíritos subalternos, como um escultor deixa ao aprendiz o cuidado de talhar o mármore.

Fontes: Allan Kardec - Revista Espírita de Novembro de 1862



## O LEÃO E O CORVO

(Primeiro prêmio)

Percorria um leão seus domínios imensos,  
Por um nobre orgulho dominado;  
Sem raiva a devorar vassalos indefensos;  
Bom príncipe afinal, desde que bem jantado!  
E nunca andava só; de sua juba em volta  
Apressados se vêem lobos, tigres, panteras,  
Leopardos, javalis; uma faminta escolta;  
E até raposas longe das feras.  
Ora, o monarca quis certo dia  
Aos campônios falar e à corte com alegria:  
“ – Companheiros, sois vós apoio à minha glória  
E submissos fiéis a uma gula notória,  
Por entender-me bem que viestes vós,  
Que por graça de Deus sou rei! Ouvi-me a voz:  
Eu poderia... Mas, por que o poder citar?”  
Logo o leão sem se embaraçar,  
Qual melhor não fizera experiente advogado  
Ou bom procurador de inteligência astuta,  
Dos deveres falou nos encargos do Estado,  
Dos pastores, dos cães, da nova carta arguta,  
Do mal que muita vez dele um tolo afirmou;  
E cheio de emoção, matreiro terminou:  
“Se o meu palácio deixo é pra vos dar prazer;  
Vossas mágoas falai; verei o que fazer;  
Touros, ovelhas... ouvirei com bondade.  
Eu espero; falai com toda a liberdade.  
Pois que! Todo o reino aqui reputo,  
Sem um só infeliz! Nenhuma queixa escuto!...”  
Velho corvo então o interrompeu,

E já livre no ar respondeu:  
"Satisfeitos os crês; seu silêncio te toca,  
Grande rei!... É o terror o que lhes fecha a boca."



## O OSSO PARA ROER

(Menção honrosa)

Ornado de um chapéu e com benevolência,  
Um discípulo do extinto Vatel,  
No pátio de seu grandioso hotel,  
A seus cães ele dava audiência.  
"Em vós, ele dizia, estou sempre a pensar;  
Eu vos amo muito e é uma ação minha  
Destinar-vos sobras da cozinha,  
Este osso, este belo osso eu vou dar!  
Mas só um vai gozar de meu grande favor;  
Por justiça o darei ao mais merecedor.  
Está aberto o concurso; atentai nos acertos."  
Um cão d'água famoso e dentre os mais espertos,  
De uma tropa canina era outrora o primeiro,  
Logo o dono saudou como alegre rafeiro,  
Passeou ante os demais de olhar triunfador,  
Latiu, morto se fez, mostrou-se ao imperador.  
Eis que um dogue exclamou: "Que importa tal jactância!  
Da casa e sem cessar cuido da vigilância.  
Senhor, não esqueçais que um ladrão imprudente  
Caiu, no ano passado, em meu dente."  
Disse um cãozinho então: "Valente e sem censura,  
Anos, já faz uns dez, vos sirvo com finura;  
E sempre, para vós, com este pequeno saco,  
Só para vos comprar no empório um bom tabaco."  
" – Eu amo, uivou Tayant, a fanfarra sonora

Já me vistes na caça entre os retardatários?  
Ao menos me deveis raposas, coelhos vários;  
Eu sou sóbrio e submisso; e nunca o que devora  
A perdiz encontrada no laço.”  
E o osso enfim quem roeu? Foi um bassê já baço!  
Como o teria feito, outrora, um deputado,  
E que sem mais rubor, fará de novo, então,  
Diante do chefe pois, ventre ao piso colado,  
Lambeu-lhe alegre os pés e... o fez abrir a mão.  
Vós, bassês dos Chefões, de condição notória,  
Eis, ó vis bajoulos, vossa história.

Fontes: Allan Kardec - Revista Espírita de junho de 1863